



## Jauss em João Antônio: a estética da recepção aplicada ao conceito de conto-reportagem

Leandro de Oliveira Lopes <sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo traz uma ligeira conceituação fundamental da teoria literária difundida por Hans-Robert Jauss, a estética da recepção, para depois aplicá-la, analiticamente, a quatro diferentes leituras de *Um dia no Cais* (1963), de João Antônio. Além de estabelecer, na já longínqua relação entre a escola literária e a jornalística, outra aproximação, o objetivo deste estudo, nos alicerces daquela teoria, é mensurar a significação histórica e o valor estético de *Um dia no cais* – texto caracterizado, à época, como conto-reportagem. A escolha do corpúsculo de pesquisa, composto de recepções textuais datadas de, pelo menos, 40 anos depois da publicação original na revista *Realidade*, prezou por corresponderem, cada material e público escolhido, a diferentes perfis e meios de reprodução.

**Palavras-chave:** conto-reportagem; estética da recepção; jornalismo; João Antônio; Jauss.

### 1. A estética da recepção

Foi em 1967, na aula inaugural do curso de Letras da Universidade de Constança, na Alemanha, que Hans-Robert Jauss principiou a estética da recepção. Muito embora o termo tenha sido utilizado em estudos ulteriores<sup>2</sup>, a comunidade acadêmica trabalha com o entendimento de que Jauss em muito avançou o conceito de recepção, e por isso tenha se tornado seu precursor. A ministração, publicada em livro

<sup>1</sup> Jornalista graduado pelo Centro Universitário FIAM-FAAM e Mestrando do Curso de Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, email: falecomleandro@live.com

<sup>2</sup> FERREIRA, 1998, p. 5

intitulado *A história da literatura como provocação à teoria literária*, também de 1967, fez surgir, para a crítica literária, outra perspectiva analítica. Na contramão das principais escolas em vigor até então, o marxismo e o formalismo, que davam conta, segundo Jauss, do “espelhamento da realidade social”, no caso da primeira, e “do objeto artístico”, na segunda, como “autônomo de investigação”, a estética da recepção focalizaria, como se supõe por sua nomenclatura, na recepção do leitor (JAUSS, 1997, p. 4); e além, por conseguinte, na resposta dessa leitura. Para Jauss, as teorias marxista e formalista falhavam em não valorizar o leitor. “Com isso, ambas privam a literatura de uma dimensão que é componente imprescindível tanto de seu caráter estético quanto de sua função social: a dimensão de sua recepção e de seu efeito” (JAUSS, 1967, p. 22).

A estética da recepção, ao atribuir significação a leitor, recepção e resposta, passa a permitir que críticos literários atuem para compreender o valor estético e também o histórico de determinado texto a partir da conjunção resultante desta relação. A “provocação à teoria literária”, do título da aula e do livro, se dá na medida em que são, na verdade, como não supunham as teorias em voga, o leitor e sua recepção a escrever, de fato, a história da literatura.

Uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objetivismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. A historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” estabelecidos post factum, mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. (JAUSS, 1997, p. 24)

Jauss estabeleceu, nos entendimentos de sua teoria, que o leitor, quando em contato com o texto literário, “como em toda experiência real”, também nesta, possui o que ele chama de “saber prévio” (JAUSS, 1967, p. 28). Trata-se, neste caso, do conhecimento decorrente de leituras já experienciadas por este leitor. Esse saber, anterior à fruição literária do dado momento, cria o que o autor chama de horizonte de expectativa; que, em outras palavras, é o que o leitor, baseado noutras leituras, espera do texto a ser lido. Para Jauss, é ao “atender, superar ou decepcionar” estas expectativas que se pode mensurar o valor estético de uma obra (FERREIRA, 1998, p. 5). O ideal, para sua teoria, são “obras que, primeiramente, graças a uma convenção do gênero”

provocam, de maneira proposital, um certo grau de horizontes de expectativa “para, depois, destruí-lo passo a passo” (JAUSS, 1997, p. 28).

Quanto à seu valor histórico, que também pode ser mensurado, Jauss propõe que sua implicação “manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra” (JAUSS, 1997, p. 23). Baseando seus entendimentos na relação entre obra e leitor, denominada, por ele, por “dialógica” (JAUSS, 1997, p. 23), “Jauss formula um novo conceito de leitor, onde este e a sua experiência estética são privilegiados. Assim, o leitor e a recepção que este faz de uma obra são dados a partir dos quais pode-se analisar a obra literária” (FERREIRA, 1998, p. 5).

É propondo, portanto, renovar a maneira de se enxergar o leitor que Jauss sugere que se repense a teoria literária e a historicidade própria da literatura. É atribuindo ao leitor o seu papel genuíno<sup>3</sup>, e colocando sua recepção e resposta a frente de aspectos biográficos, que se fundamenta a estética da recepção.

Eu vejo o desafio da ciência literária na retomada do problema da história da literatura deixado em aberto pela disputa entre o método marxista e o formalista. Minha tentativa de superar o abismo entre literatura e história, entre o conhecimento histórico e o estético, pode, pois, principiar do ponto em que ambas aquelas escolas pararam. Seus métodos compreendem o fato literário encerrado no círculo fechado de uma estética da produção e da representação. Com isso, ambas privam a literatura de uma dimensão que é componente imprescindível tanto de seu caráter estético quanto de sua função social: a dimensão de sua recepção e de seu efeito. (JAUSS, 1997, p. 22)

## 2. **Jornalismo, Literatura, João Antônio e *Realidade***

Tanto o jornalista quanto o escritor ficcional se utilizam da mesma ferramenta de trabalho, a palavra, e suas missões convergem, também, em contar histórias. Ainda que o primeiro seja norteado teórica e exclusivamente pelo factual e o segundo por imaginação e capacidade criativa, jornalismo e literatura misturaram-se diversas vezes ao longo dos tempos. João do Rio, jornalista e escritor, já se perguntava, em 1904: “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”

(VANZELLA, 2006). Esta relação, benéfica ou não, movimentou as redações brasileiras desde, pelo menos, os séculos XVIII e XIX, “quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público” (PENA, 2007, 47). A união dos dois estilos, como benefício aos donos de jornais, “proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição dos preços, o que aumentava o número de leitores” (PENA, 2007, Pág. 48). Já os profissionais de letras, em contrapartida, conquistavam notoriedade e elevavam seus nomes na medida em que os textos eram publicados na imprensa. A mistura entre os dois discursos, entretanto, não pode ser resumida só na atuação de mercado, já que “o termo jornalismo literário dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado” (PENA, 2007, Pág. 55). Há os que o caracterizam, por exemplo, além do referido momento nos séculos XVIII e XIX, como a publicação de resenhas literárias em jornais. Outros defendem que significa a união, em texto, de ferramentas literárias aliadas ao jornalismo comum. À outros, nem o primeiro nem o segundo, mas crítica de obras literárias veiculadas em jornais<sup>4</sup>. João Antônio, de *Um dia no cais*, é exemplo da união textual desta junção. Aclamado pela crítica e público já no momento primeiro da publicação de seu livro de estreia, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de 1963, foi, com a obra, vencedor do prêmio Jabuti de melhor livro de contos e considerado o autor revelação. Característica de seus textos, a mistura de aspectos jornalísticos e literários marcou sua trajetória. “A vivência jornalística é assumida nos termos de uma literatura que incorporará as forças do gênero essencial do jornalismo, a reportagem, no interior de uma expressão esteticamente poderosa” (BULHÕES, 2007, Pág. 187).

Alguns de seus principais trabalhos como repórter/escritor foram publicados pela revista *Realidade*, da editora Abril; publicação que circulou de abril de 1966 a março de 1976 e é considerada, por causa da profundidade de suas reportagens, como o principal expoente do jornalismo literário<sup>5</sup> brasileiro - principalmente nos três primeiros anos de sua existência, de 1966 a 1968, período em que a equipe original permaneceu

---

<sup>3</sup> JAUSS, 1997, p. 23

<sup>4</sup> PENA, 2007, p. 55

<sup>5</sup> Entenda-se, aqui, jornalismo literário como a união, em texto, de aspectos oriundos dos dois estilos.

trabalhando e que ficou conhecido como o momento áureo da revista.

“É possível conjecturar que o Novo Jornalismo<sup>6</sup> americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966 que se notabilizaram exatamente por uma proposta estética renovadora: a revista *Realidade*, considerada a nossa grande escola da reportagem moderna e o *Jornal da Tarde*”. (LIMA, 2004, Pág. 192)

João Antônio escreveu sete textos para *Realidade* (JORGE e BARROS, 2011, p. 11) (Tabela 1) e neles tratou de diferentes assuntos.

Tabela 1

Edição	Título da reportagem	Tema
Outubro de 1967	Este homem não brinca em serviço	Uma noite na sinuca com jogadores paulistas
Julho de 1968	Quem é o dedo-duro	Atuação de marginais como informantes da polícia
Setembro de 1968	A morte	A relação com a morte e vários meios de morrer
Setembro de 1968	Um dia no cais	A vida no porto de Santos - SP
Outubro de 1968	Ela é o samba	Perfil da cantora Aracy de Almeida
Novembro de 1968	É uma revolução	Uma partida de futebol
Dezembro de 1968	O pequeno prêmio	Corridas de trote

O convite para integrar a equipe da revista se deu por causa do poderio textual de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. A aliança de sua produção jornalística com o texto de ganho literário confluíram com o proposto pela publicação. No contexto de *Realidade*, e dos profissionais que lá trabalhavam, a revista surgia justamente para agregar este valor textual de qualidade literária com a reportagem.

<sup>6</sup> Tradução para a expressão americana *new journalism*, cunhada por Tom Wolfe, em 1973, no livro *The New Journalism*. Traduzida, no Brasil, mais comumente por “jornalismo literário”, significa, segundo Pena, “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embulhar o peixe na feira” (PENA, 2007, p. 48 – 49). Grifos nossos.

Esta publicação revolucionou tanto pela amplitude da abordagem temática quanto pela linguagem utilizada. O jornalismo produzido por *Realidade* introduziu o segmento brasileiro de revistas de informação geral na imprensa moderna, uma vez que estava em sintonia com as tendências jornalísticas mais inovadoras, contemporâneas à revista, como por exemplo, o *Novo Jornalismo*. (MORAES e IJUM, 2009)

O quadro político do momento de criação de *Realidade* (pós-guerra e aumento significativo do populismo) tornava cada vez mais necessária a atuação da imprensa, embora o Brasil, desde 1964, estivesse inserido num contexto de regime autoritário. A ditadura política estremecia a relação do governo com os jornalistas e com uma nova Lei de imprensa e um presidente militar, o diálogo ficou ainda mais difícil. “Com a censura incidindo sobre as redações, eles passaram do conhecimento das regras para divulgar notícias, imposto autoritariamente, a um estado que sabiam o que não deveria ser noticiado” (JORGE e BARROS, 2011, p. 6). A principal missão de *Realidade*, então, além de sustentar a inovação em seu discurso, era conviver, harmoniosamente, com o período e suas adversidades. E a confluência entre os dois estilos, literário e jornalístico, era parte integrante dessa resistência. “O resultado foi que, como unanimemente tem registrado a crítica do período, à literatura da época coube, então, o papel de resistir politicamente às arbitrariedades dessa censura nos jornais e nos outros meios de comunicação” (COSSON, 2001, p. 16). Pois não só por essa junção textual, e mesmo embora comparativamente seja menos debatido e estudado que outros nomes da literatura brasileira, João Antônio tem seu lugar no panteão de nossos autores. Suas personagens marginalizadas (prostitutas, mendigos, moleques, jogadores de sinuca, malandros e outros esquecidos socialmente), pouco apadrinhadas até então, marcam seus textos e dão-lhe merecida significação.

Ler João Antônio é participar de um jogo em que, malandramente, a fala dos marginalizados se cruza com o português-padrão, driblando o leitor desatento. Assim, encontramos, ao lado de gírias e palavras de baixo calão, estruturas gramaticais (sobretudo no que se refere às orações subordinadas) que apenas grandes mestres do idioma utilizam. (MACÊDO, 1997)

Pois foi aliando o talento de João Antônio ao espírito de liberdade criativa de *Realidade*, que ocorreu-lhes, em 1968, que o autor escrevesse sobre a vida no porto de

Santos (à época um dos três maiores do mundo e o maior da América Latina). Resolveu-se, daí, classificar o texto como conto-reportagem. João Antônio, hospedado no porto durante um mês a fim de ter convívio com a realidade do lugar, escreveria, em casa, o que lá encontrasse. *Um dia no cais* foi publicado na página número 98 da edição de número 30 de *Realidade*, datada de setembro de 1968. A chamada da revista, em seu índice, anunciava: "conto-reportagem: Um dia no cais".

### 3. A recepção em *Um dia no cais*: adaptado e inaugural

Jauss, sobre a estética da recepção e sua valia no dado momento de estudo da obra literária, naquele considerar do leitor e de sua resposta como elemento imprescindível de análise, diz:

Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (JAUSS, 1997, p. 4 - 5)

Neste estudo, a fim de que fossem consideradas recepções já providas deste crivo temporal, foram destacadas leituras realizadas nos anos de 2008, 2009, 2010 e 2011 – quando *Um dia no cais* completou 44 anos de publicação. Considerou-se, também, no intuito de compreender como se deu sua recepção nos mais diversos públicos, que correspondessem a diferentes perfis de leitores. São eles: 1) revista jornalística, representando a visão da imprensa; 2) blog, representante do leitor comum; 3) portal de notícias e variedades, recepção midiática em geral; 4) artigo científico publicado em revista especializada, da visão acadêmica. Dá-se, então, as leituras de *Um dia no cais* que compõem esta pesquisa.

A revista *Brasileiros*, publicação conhecida, ela também – como *Realidade* –, por proporcionar, contemporaneamente, espaço para reportagens de fôlego, tratou assim *Um dia no cais*:

O conceito do conto-reportagem surgiu na revista *Realidade* a partir de conversas entre o editor Sérgio de Souza, que morreu este ano, e o escritor

João Antônio, falecido em 1996, que também trabalhava na redação. A idéia era usar elementos de ficção para escrever uma reportagem, baseada na apuração do escritor-repórter. Era criar um texto inspirado na realidade. Segundo Mylton Severiano, o “Myltainho”, que foi editor da Realidade e hoje comanda a redação da Caros Amigos, Um Dia No Cais é o melhor exemplo do conto-reportagem no Brasil. (FUHRMANN, 2008)

É leitura, como se vê, que atribui valor ao texto de João Antônio. Leitura que o caracteriza não só como o primeiro a praticar, no Brasil, o conto-reportagem, mas também de ser, ainda hoje, o melhor exemplo do gênero de que dispomos. A publicação da *Brasileiros*, na verdade, é mais que uma simples leitura: “Quarenta anos depois, inspirado no conto-reportagem Um Dia No Cais, do escritor João Antônio para a revista Realidade, o repórter da Brasileiros passou uma semana hospedado em um hotel na zona portuária de Santos.” (FUHRMANN, 2008). Trata, a publicação da *Brasileiros*, de uma nova reportagem, inspirada no texto original de João Antônio.

Jauss diz que uma obra literária não perde seu poder de ação quando transpõe seu período de surgimento, podendo sua importância crescer ou diminuir no tempo. O novo é tido como uma categoria estética e histórica. Esta mudança não atinge só a noção de novo, mas também a noção de história da literatura, que deixa de significar uma seqüência cronológica de fatos, para se fazer de avanços e de recuos. (FERREIRA, 1998, p. 51)

Além de caracterizar, então, a relevância histórica e estética de *Um dia no cais*, a revista *Brasileiros* propôs-se, ela mesma, a reescrever, dando-lhe aspectos e números atuais, o texto de João Antônio.

O que se tem, um ano mais tarde, e de leitura não especializada, é outra referência elogiosa ao autor paulista. Esta será nossa segunda recepção. No blog “João Antônio: vida e obra”, mantido por administrador virtual denominado apenas por Isaac – que se declara estudante de jornalismo do 8º período da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) –, em postagem denominada “Um dia no cais”, de dezembro de 2009, numa linguagem informal, diz:

O escritor e jornalista João Antônio trabalhava como redator-chefe do caderno de Cultura do Jornal do Brasil em julho de 1965 quando foi convidado pelo amigo Paulo Patarra para participar da equipe fundadora de Realidade (1966 – 1976). Foi nessa revista da editora Abril, influenciada pelo *new journalism* e especializada em tratar de temas tabus no Brasil dos anos 60, onde João Antônio inaugurou o gênero conto-reportagem no país. (JOÃO

ANTÔNIO: VIDA E OBRA, 2009).

Isaac, nosso leitor, completa, abrindo aspas a Sérgio de Souza, editor de texto de *Realidade*, numa entrevista que este teria concedido: “Apostar em um conto-reportagem poderia descredibilizar qualquer coisa que publicássemos [...] Era cortar na carne a tênue linha que separa fato e ficção.” (JOÃO ANTÔNIO: VIDA E OBRA, 2009). Destaca-se, dessas passagens: o termo, conto-reportagem, atribuído de maneira inaugural a João Antônio, dando a texto e autor caráter inventivo uma vez mais; e a aceitação, de fato, que havia, ali, união de dois discursos textuais diferentes: literário e jornalístico, fato e ficção – relação, diga-se, de suposta influência do estilo norte americano denominado *new journalism*. Não será assim com o exemplo de recepção midiática de que trataremos. O portal de notícias e variedades “VICE” é nosso escolhido, nossa terceira recepção.

VICE tem, nos dias de hoje, aproximadamente 76 mil seguidores virtuais. Em publicação de fevereiro de 2010, sem assinatura, que reproduz um trecho de *Um dia no cais*, o portal introduziu, num pequeno parágrafo, o texto de João Antônio. Diz assim, em suas primeiras linhas: “O João Antônio foi o melhor escritor que já existiu no Brasil” (VICE, 2010). É claro que, daí, nós, que neste momento somos leitores de VICE, baseados em nossas leituras prévias, temos, também, expectativa de como seguirá essa introdução, e assumimos, por conseguinte, que seja elogiosa. “O que você vai ler aqui é nada mais que a inauguração do conto-reportagem no Brasil. Só isso.” (VICE, 2010). Nesta não há referência ao *new journalism* americano, mas há caracterização, novamente, da natureza inaugural de gênero.

Como dito, já, neste mesmo estudo, Jauss articula, assim, uma sequência de recepções: “A historicidade da literatura não repousa numa conexão de fatos literários estabelecidos post factum, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores” (JAUSS, 1997, p. 24) e, além, “numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração” é que decide, para o autor, “o próprio significado histórico de uma obra” (JAUSS, 1997, p. 23). É por isso que, para encerrar a cadeia de recepções de que tratamos aqui, como única que ainda nos resta tratar, atentemos, agora, à academia.

A visão acadêmica que leremos, de artigo científico intitulado “Repórter-marginal: o Novo Jornalismo no Brasil e a produção de João Antônio na Revista Realidade, entre 1966 e 1968”, de 2011, de autoria de Thais de Mendonça Jorge, doutora em comunicação, e Bruna Renata Cavalcante de Barros, à época mestranda em comunicação, apresentado no VIII Encontro Nacional de História da Mídia<sup>7</sup>, traz, quanto às questões levantadas por este estudo, o caráter inaugural e inventivo do termo conto-reportagem, bem como, resultante disso, seu valor estético e histórico. Há trecho, com aspas e citação de Mylton Severiano da Silva, de “Paixão de João Antônio”, que diz, sobre o caráter inaugural do gênero: “Durante os entendimentos com Realidade, nasceu da cabeça do editor de texto Sérgio de Souza o gênero conto-reportagem. João Antônio saía da redação com uma pauta e cobrir, e escrevia em casa” (SILVA, 2005, p. 64-65 apud JORGE e BARROS, 2011, p. 10). E, sobre uma suposta influência de discurso do jornalismo literário americano, diz:

Seja batizando a escrita de João Antônio como conto-reportagem, seja abrindo o leque das pautas que ele escolhia como material de trabalho, seja prestando atenção a um modo particular de exercer o jornalismo, vemos, pois, que João Antônio assumiu o papel de representante de um novo estilo, que nos Estados Unidos mostrava características semelhantes. Os personagens e situações talvez não tenham muita afinidade com o Novo Jornalismo descrito por Wolfe, mas isso apenas demonstra como um mesmo estilo ou um punhado de técnicas pode ser absorvido atendendo-se às configurações da cultura local. (JORGE e BARROS, 2011, p. 12)

Vê-se, novamente, o *new journalism* americano como influência inata do estilo, e, quase que na contramão, uma natureza de invenção e inauguração do gênero conto-reportagem. Características impregnadas, pelo que se viu das recepções aqui abordadas, em *Um dia no cais*. Como a recepção “enriquecer-se de geração em geração” é determinante para mensurar o valor histórico de determinada obra, o que se encontra, de *Um dia no cais*, são características suficientes para aferir, nos entendimentos da estética da recepção, gabaritado pelos leitores do texto, que João Antônio é autor do primeiro conto-reportagem brasileiro, e por aí, só, tem-se muito de seu valor histórico explicitado, e, além disso, como relação, esta mesma obra, com o

---

<sup>7</sup> Realizado de 28 a 30 de abril de 2011 em Guarapuava, no Paraná. Neste ano o Encontro Nacional de História da Mídia celebrou sua décima edição na Universidade Federal do Rio Grande do

*new journalism* americano – atribuído à revista *Realidade* e carregado, neste caso, por João Antônio; mesmo que seja difícil atestar se o autor brasileiro era familiarizado com os americanos ou seus textos.

#### 4. Horizontes de expectativa e o conto-reportagem

Até o momento da publicação de *Um dia no cais*, em 1968, não se ouvia nada a respeito de conto-reportagem. O termo, que pressupõe que se misturem, num único texto, aspectos de conto e de reportagem, era, até ali, desconhecido. Não havia, portanto, qualquer expectativa em relação a ele. Como se viu no começo deste estudo, vale relembrar, a estética da recepção trabalha com a concepção de que, baseado por leituras precedentes, o leitor fruidor possui repertório prévio e, com ele, formula suas expectativas em relação ao que está prestes a ler. Disse-se, também, que é na medida em que essas expectativas são atendidas ou frustradas que se pode medir, então, o valor estético da obra. Pois como medi-lo se é novo, sem leituras prévias? Primeiro, para que se comece este raciocínio, diga-se, segundo Jauss, que “a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio”, mas sim, valendo-se de “sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predis põe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida” (JAUSS, 1997, p. 28).

Nesses preceitos, então, no já referido *História da Literatura como provocação à Teoria Literária*, Jauss referendou assim, casos como esse:

A possibilidade da objetivação do horizonte de expectativa verifica-se também em obras historicamente menos delineadas. E isso porque, na ausência de sinais explícitos, a predisposição específica do público com a qual um autor conta para determinada obra pode ser igualmente obtida a partir de três fatores que, de um modo geral, se podem pressupor: em primeiro lugar, a partir de normas conhecidas ou da poética imanente ao gênero; em segundo, da relação implícita com obras conhecidas no contexto histórico-literário; e, em terceiro lugar, da oposição entre ficção e realidade, entre a função poética e a função prática da linguagem, oposição esta que, para o leitor que reflete, faz-se sempre presente durante a leitura, como possibilidade de comparação. (JAUSS, 1997, p. 29)

Analisemos, pois, as três possibilidades levantadas pelo autor alemão.

A primeira, que dá conta de uma poética que concerniria ao gênero, nos dá, então, uma única saída. A expectativa do leitor de *Um dia no cais* estaria fundamentada nas premissas de, respectivamente, conto e reportagem. E, embora não seja esse o intuito deste estudo, é possível presumir que esperassem, os leitores, se fosse este o caso, por uma junção incomum. Assumi-se, por conto, ainda que de maneira, digamos, ingênua, que seja ficcional; ao contrário da reportagem, é claro, que se supõe factual. A união desses dois modelos, portanto, em relação a suas missões e objetivos, pareceria impossível – pareceria caminhar, inclusive, em contraposição total à terceira possibilidade levantada por Jauss neste mesmo raciocínio.

Da segunda, “da relação implícita com obras conhecidas no contexto histórico literário” (JAUSS, 1997. p. 29), temos, já, um caminho. O leitor de *Realidade*, que em 1968 já estava em seu segundo ano de publicação, é municiado, no contexto mesmo da revista, por obras que trabalhavam com aquela mistura entre o discurso literário e o jornalístico. Esta era, como já dito, uma marca. O que não nos faz concluir, entretanto, que no momento de sua publicação se refletia conscientemente tal relação. A renovação do discurso de suas reportagens, claro, era óbvia. O entendimento de seu público, porém, agravado por aquele contexto, era ainda embrionário. Mesmo embora, diga-se, sua característica textual fosse conhecida, e um grande sucesso.

O primeiro número surge em abril do ano seguinte, com mais de 250 mil exemplares e se esgota em três dias. A partir daí, a ascensão da revista foi fulminante, surpreendendo seus próprios editores. Em fevereiro de 1967, quase um ano após seu lançamento, *Realidade* chegava a uma tiragem de mais de 500 mil exemplares. (FARO, 1999, p. 13)

Nessa perspectiva, portanto, o que se esperava do conto-reportagem, a partir das duas possibilidades de que tratamos, é que continuasse, de maneira geral, a temática aglutinadora daqueles discursos (literário e jornalístico) e que, em suma, tentasse trabalhar numa união de seus dois gêneros predecessores (conto e reportagem), o que, já vimos, seria missão inexecutável.

À terceira possibilidade, oposição entre o ficcional e o real, soma-se a relação que jornalismo e literatura mantem ao longo dos tempos. O termo jornalismo-literário, que não poucas vezes aparece nos estudos de *Realidade*, é exemplo definitivo que essa

“possibilidade de comparação” (JAUSS, 1997, p. 29), antes mesmo de servir como elemento formador de horizonte de expectativa é, na verdade, elemento textual.

O que se concluí dessa linha de pensamento é que o conto-reportagem, no momento de sua publicação, pressupunha, àqueles que se dedicavam a sua leitura, uma inovação. A expectativa que nele se depositava, trata do discurso aglutinador de *Realidade* e de uma junção, digamos, impraticável. Aí estão, em evidência, fatores suficientes para que se determine o valor estético de *Um dia no cais*, uma vez que seus horizontes de expectativa, por ocasião mesmo de sua inventividade, foram afastados.

*Um dia no cais* não é só mais um texto de *Realidade*, *Um dia no cais* é, sim, aproximação de conto e reportagem: “Os dados documentais entram dissimuladamente na história e o texto aproxima-se tanto do conto, que incorpora até fluxos de consciência dos personagens” (SODRÉ e FERRARI, 1986, Pág. 81). *Um dia no cais* tem, por essência, um confluência do real com o inventivo, do factual com o ficcional. “No texto, não fica muito claro o que é apuração e o que foi criado. As duas prostitutas (Rita Pavuna e Odete Cadilaque), por exemplo, parecem a fusão de várias pessoas que foram observadas na apuração” (FUHRMANN, 2008). Ainda, entretanto: “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (JAUSS, 1997, p. 25). O fato mesmo, portanto, de refletirmos sobre *Um dia no cais*, é elemento, também, de seu valor. O fato mesmo de ser reescrito e de ser considerado inaugural, dão-lhe, como pedia Jauss, mais que conexões de “fatos literários” (JAUSS, 1997, p. 24).

Ainda nos entendimentos da estética da recepção, pondo em linhas finais o que se apresentou neste estudo, mais uma vez diz-se:

Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (JAUSS, 1997, p. 4 - 5)

## Considerações finais

Qualquer que pesquisar relacionando, num mesmo termo, conto e reportagem, encontrará referência a João Antônio e *Um dia no cais*. A estética da recepção, de Jauss, em seus conceitos de horizonte de expectativa e historicidade da literatura, ajuda a compreender o porquê destas citações. A teoria permite que sejam determinados, na medida da recepção e resposta dos leitores, os valores estético e histórico de obras literárias – neste caso, jornalístico-literária. Dadas as recepções aqui estudadas, e considerando-se, também, o horizonte de expectativa dos leitores em relação ao conto-reportagem, pode-se aferir que da mesma maneira em que a junção textual de jornalismo e literatura é tratada, no Brasil, na ampla maioria dos estudos, como influência do movimento americano denominado *new journalism*, parte da recepção de *Um dia no cais* enxerga, também nesta publicação, a mesma influência. O caráter de inovador, que também lhe é atribuído, entretanto, é unânime. *Um dia no cais* tornou-se, a partir de suas recepções, referência deste gênero. Mesmo a despeito de ser, essa confluência de jornalismo e literatura, já estabelecida há muito tempo, e haver, então, possibilidade de noutros autores, também contistas e também repórteres, elementos suficientes para que seus textos fossem denominados conto-reportagem, João Antônio e *Um dia no cais* são, mais uma vez, por historicidade de sua literatura (definida pelo público leitor), recepção de seu conteúdo, primeiros e inaugurais. As expectativas prováveis do público leitor e as indagações e intenções daqueles que idealizaram o estilo colaboram para que não seja, como definia Jauss, obra “culinária” (JAUSS, 1997, p. 32); mas, em contrapartida, que destrua, pouco a pouco, os horizontes de expectativas dos leitores. Estas inferências, que se deduzem graças a uma teoria literária, acrescentam outra maneira de se relacionar jornalismo e literatura. Esta união se faz, desta vez, através da aplicação teórica e analítica de uma na recepção de outra. É a multiplicidade desta relação, sempre dinâmica, atuante uma vez mais. A teoria literária a serviço do jornalismo.

## Referências

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora UnB, 2001

FARO, J. S. **A imprensa brasileira e a revista Realidade**. 1999. Universidade de São Paulo. Disponível em <http://www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/14gt/Jos%C3%A9%20S.rtf> Acesso em 24 julho 2015

FERREIRA, Raquel Terezinha Rodrigues. **Marguerite Duras no Brasil: aspectos da recepção crítica**. 1998. 121 f. Dissertação (Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 1998

FUHRMANN, Leonardo. **Outras noites no cais**. Revista Brasileiros. 2008. Disponível no link <http://brasileiros.com.br/2008/11/outras-noites-no-cais/> Acesso em 24 julho 2015

JAUSS, Hans-Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

JOÃO ANTÔNIO: VIDA E OBRA. **Um dia no cais**. 2009. Disponível em <http://joaoantonio-isaac.blogspot.com.br/2009/12/um-dia-no-cais.html> Acesso em 24 julho 2015

JORGE, Thais de Mendonça. BARROS, Bruna Renata Cavalcante de. **Repórter marginal: o Novo Jornalismo no Brasil e a produção de João Antônio na revista Realidade, entre 1966 e 1968**. VII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro, 2011. Guarapuava – PR. Disponível no link: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos> Acesso em 20 julho 2015

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. Barueri: Editora Manolé, 2004

MACÊDO, Tânia Celestino de. **João Antônio, esse (des)conhecido**. Proleitura, Assis, v. 01, n. 17, p. 04-04, 1997. Disponível em <http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/jantonio.htm> Acesso em 20 julho 2015

MORAES, Vaniucha. IJUM, Jorge Kanehide. **Jornalismo de profundidade: o jornalismo literário de Realidade (1996 – 1968)**. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009. Publicação Acadêmica de Estudos sobre Jornalismo e Comunicação. Disponível no link: [http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos12\\_d.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos12_d.htm) Acesso em 20 julho 2015

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 43 – 58, 2007

SILVA, Mylton Severiano da. **Paixão de João Antônio**. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. Summus Editorial, 1986.

VANZELLA, Camila. **A saga dos jornalistas escritores**. Revista PJ:Br Jornalismo Brasileiro.

**SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**  
**13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**  
**Campo Grande – UFMS – Novembro de 2015**

6ª ed. 2006. Disponível em <[http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/resenhas6\\_d.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/resenhas6_d.htm)>